

896

Biblioteca - Unemat - PLA



00014052

BIBLIOTECA
UNEMAT

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 14052

Data 14 / 09 / 2009

() Compra (x) Doação () Permuta

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 182 CONDUGO ANTIGO

Data 08 / 10 / 2007

() Compra (x) Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA "GARCIA LEAL" NO ROMANCE "INOCÊNCIA"
DE VISCONDE DE TAUNAY

WALCIR GARCIA LEAL

Pontes e Lacerda - MT

2007

82.09
L435C
22.01

WALCIR GARCIA LEAL

A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA “GARCIA LEAL” NO ROMANCE “INOCÊNCIA”
DE VISCONDE DE TAUNAY

Pontes e Lacerda - MT

2007

WALCIR GARCIA LEAL

A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA “GARCIA LEAL” NO ROMANCE “INOCÊNCIA”
DE VISCONDE DE TAUNAY

Monografia de conclusão do curso de graduação em Letras,
apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade
do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes
e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de
graduado em Letras.

Orientadora: Prof^ª Walmira Sodré Austríaco Moraes

Pontes e Lacerda - MT

2007

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

ORIENTADORA

Prof.^a Walmira Sodré Austriaco Moraes

BANCA EXAMINADORA

Prof. Epaminondas Matos Magalhães

BANCA EXAMINADORA

Prof. Weberson Fernandes Grizoste

José Saramago.

... tudo é tudo, e é que, digamos, eu não separo aquilo que é ficção do que é real e, portanto, é como se eu fizesse uma espécie de interpretação constante entre a realidade e a ficção negando as fronteiras que existiriam entre uma e outra...

Dedico este trabalho à minha digníssima esposa Divanira Niêmens Leal, a qual foi à pessoa mais importante neste período de aprendizado e a principal responsável por esta conquista.

Aos meus pais José Francisco Leal e Ana Florinda Leal pela ansiedade em me ver galgando mais uma etapa de minha vida.

Ofereço este exemplar momento tão marcante aos meus queridos filhos: Fabiana, André e Ed pela alegria e inocência de seus atos, que fazem de nosso lar o seu pequeno mundo.

Ao meu tio Bento que me apoiou com material didático, e algumas informações orais. E em geral a todos os amigos que mesmo com uma pequena parcela de sua atenção, foram de real importância na realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS:

- *Primeiramente a Deus que, tudo aquilo que conquistamos nessa vida é permissão Dele.*
- *À digníssima esposa e meus queridos filhos que, sempre estavam ao meu lado me apoiando em tudo.*
- *Aos meus pais que sempre acreditaram em minha capacidade, e nunca me desamparou.*
- *Aos meus amigos que não mediram esforços em me ajudarem.*

RESUMO

O primeiro capítulo de nosso trabalho trata de uma análise da obra *Inocência* de Visconde de Taunay, o segundo aborda sobre a genealogia da família *Garcia Leal* procurando através destes provar que a protagonista *Inocência* fazia parte desta família.

No segundo capítulo a abordagem ficou exclusiva para a genealogia da família “Garcia Leal”, graças ao belíssimo trabalho de dois escritores: Marcos Paulo de Souza Miranda com a publicação da obra *Jurisdição dos Capitães* e Hildebrando Campestrini com a publicação de sua obra *Santana do Paranaíba*. O primeiro desenvolveu um tema voltado para o episódio macabro que acontecera com um membro dessa família “o depelamento de João Garcia Leal” quando este ainda estava vivo nas proximidades da cidade de São Bento Abade-M. G.¹ no século XIX; com isso o escritor fez um levantamento minucioso da genealogia dessa família. O segundo, escreveu suas obras contando a história da cidade de Paranaíba-M. S. que, no passado, chamava-se Santana do Paranaíba, sabendo-se que o fundador de Santana do Paranaíba na verdade era filho de João Garcia Leal e, para a nossa felicidade, Campestrini também trouxe à tona toda a genealogia da mesma família, fazendo assim uma ponte de nossos dias até o mais antigo ascendente que Miranda pode encontrar.

Tudo indica que com essas obras podemos constatar que Jacinta Garcia Leal, a Inocência da obra de Visconde de Taunay, pertencia a essa família graças à maneira de Taunay escrever a obra *Inocência* que apresenta traços realistas, pois a obra é recheada de episódios verídicos, como por exemplo, a descrição das paisagens e seus personagens inspirados nos habitantes das regiões próximas a Santana do Paranaíba.

Palavras – chave: ROMANTISMO, SERTÃO, AMOR, HONRA, TRÁGICO.

¹ - Ver anexo 1.

SUMÁRIO

RESUMO.....	08
SUMÁRIO.....	09
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: TAUNAY E INOCÊNCIA.....	13
CAPÍTULO II: A ÁRVORE DA QUAL BROTOU INOCÊNCIA: UMA GENEALOGIA.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
BIBLIOGRAFIA.....	39
ANEXOS.....	41

INTRODUÇÃO

A obra *Inocência* de Visconde de Taunay foi escrita cinco anos após a sua viagem pelo sertão de Mato Grosso, aproveitando as anotações que fizera durante o percurso da viagem.

Inocência é um romance regionalista que reflete outros seres, não somente a personalidade do autor, cujo desenho se faz com ajuda da pintura dos ambientes regionais que os caracterizam a Taunay. Objetiva identificar o sertanejo pelos seus traços particulares que situam no tempo e no espaço.

Assim, este romance possui um “realismo” descritivo de caráter documental, mas também possui um enredo linear sentimental, onde a figura feminina é exaltada, a natureza está presente a todo o momento, a religiosidade, a abstração, o amor como causa do sofrimento humano, o gosto pelo noturno, que são características do romantismo.

Inocência é um romance ambivalente por ser um romance de transição, visto que Taunay possuía o espírito do naturalista e o gosto pelo pitoresco, ele transportou para o romance de *Inocência* o realismo descritivo e o documentário; esta obra traduz um realismo mitigado somente porque é verossímil, seu autor captou e expressou a realidade dinâmica. A manifestação real do sertanejo é a força realizadora da ficção.

Bosi revela que a “gênese do êxito” de *Inocência* está no “realismo mitigado” pois *Taunay idealiza a cor da paisagem, os costumes, os modismos observados e considerados típicos, em seu interesse real, o qual é de ordem pictórica.* (BOSI 1994: 145).

Isto o eleva à categoria de viajante sensual, que transmitiu a sua obra a simplicidade e o bom gosto. Em síntese, a forma de apreender a realidade e interpretar os atos e sentimentos corresponde ao universo do Romantismo.

Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira* (1994: 145) considera, Visconde de Taunay como um homem muito observador porque conseguiu envolver uma história de amor, extremamente sentimentalizada e ambientada no interior do Brasil às descrições realistas de hábitos e costumes, tipos e aspectos da vida sertaneja.

Taunay pinta através de seus personagens, o homem engendrado em seu meio social e natural. Verifica-se a importância dada ao meio em *Inocência* logo no primeiro

capítulo, “O Sertão e o Sertanejo”, no qual o narrador apresenta o cenário paisagístico e a vida de quem habita no local.

Em *Inocência*, de Taunay, há o desenvolvimento de toda uma história em um cenário tipicamente sertanejo. Numa atmosfera agreste idílica onde a gente rústica do Centro Oeste brasileiro vive seus conflitos morais e sentimentais.

A natureza e os costumes próprios, o modo de falar, pensar e agir do homem sertanejo são peças fundamentais do romance.

Nessa obra, Taunay não procura apenas caracterizar os personagens, mas definir todo o grupo humano envolvido, para o qual a noção de honra é muito valiosa. Sendo assim, para o homem sertanejo, qualquer deslize contra a honra, só a morte, seria a punição correta.

Em suma, o romancista transcreve a realidade física, humana e social, próprio do interior de Mato Grosso, que confere a obra a um realismo suavizado, cujo autor, não limita *Inocência* a um enredo singelo que termina em tragédia. Mas que proporciona o êxito à obra, na qual a paisagem deixa de ser pano de fundo e passa refletir a intimidade dos personagens que sofre com a moral.

Seria impossível não falar da religiosidade, a qual anda paralela a construção do romance, e em geral os países latinos americanos são extremamente religiosos.

A intertextualidade com Shakespeare é de suma importância, porque estamos falando de pessoas de renome. Shakespeare considerado como um dos maiores escritores de todos os tempos, pela sua sabedoria, pela diversidade de obras escritas em todas as línguas do mundo, e o mesmo corteja os ouvidos de sua platéia com a linguagem, Taunay encanta o leitor com sua minuciosa descrição da paisagem do sertão, a ponto de conduzir o leitor para dentro da obra e o mesmo passasse a contemplar a beleza da natureza ainda intacta sem as marcas da destruição que o homem provoca.

Taunay tentou criar uma linguagem literária brasileira, e para tanto incorporou em seu texto, a fala do sertanejo do sul do Mato Grosso, com suas virtudes e defeitos opondo-se ao falar culto um falar estrangeiro. Na página 19 e 91 de *Inocência* (2001) aparecem nomes de pessoas que viviam nas proximidades de Santana do Paranaíba estas pessoas são as mesmas que compõem a genealogia da família Garcia Leal.

Na genealogia elaborada no segundo capítulo deste trabalho os estudos foram feitos visando buscar a procedência dessa família, desde o Arquipélago dos Açores, até sua emigração para o Brasil, os acontecimentos marcantes que tiveram, a busca incessante de melhorias de vidas até chegarem em nossos dias. Então podemos

confirmar a veracidade da existência das relações entre Jacinta Garcia Leal e Inocência uma vez que o escritor usou como cenário da obra a região de Santana do Paranaíba e ao mesmo tempo, a criação dos personagens da obra foi inspirada à maioria delas nos habitantes dessa região. Conseqüentemente Inocência (Jacinta) é integrante da família “Garcia Leal”.

CAPÍTULO I

TAUNAY E INOCÊNCIA

Em meio à era do Romantismo Brasileiro, período que se inicia em 1836 com a publicação da obra *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, a 1881 com a publicação da obra *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo e de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, ano inaugural do Realismo-Naturalismo, aparece Visconde de Taunay, que se destacou como um grande escritor e tendo como obras primas *A Retirada da Laguna* (1871) e *Inocência* (1872).

Os escritores brasileiros, após a independência do Brasil, demonstraram certo interesse pela natureza, uma natureza ainda intacta e bruta diferenciando-se das grandes metrópoles, um espaço onde tinham uma ampla visão de como poderiam trabalhar mostrando um Brasil ainda inexplorado. Os autores produziram suas obras exaltando o índio, o sertanejo, o gaúcho - tipos focalizados em certas regiões do país sendo estas obras classificadas como regionalistas que começaram a ter importância na literatura brasileira a partir do Romantismo com a valorização da cor local e de todos os aspectos culturais que cada região apresenta. O sertanismo, por exemplo, é um tipo de regionalismo que valoriza o sertão do Brasil; esse movimento herdou dos românticos o caráter de idealização, descrevendo o sertanejo em seus aspectos positivos e otimistas.

No século XIX os temas dos romances ainda traziam o homem no centro das atenções e em torno deles giravam os acontecimentos. Um exemplo disso é *Inocência* (1872), de Taunay. Diferenciando-se no século XX tempo em que o homem passou a se submeter a poderes que o exercem, sendo eles naturais, históricos ou econômicos, perdendo a posição que ocupava.

Taunay, um dos escritores do regionalismo brasileiro, inicia sua obra *Inocência* empregando o sujeito indeterminado, como podemos verificar no primeiro capítulo intitulado de *O sertão e o Sertanejo: Corta extensa e quase despovoada zona da parte sul-oriental da vastíssima província de Mato Grosso...*(TAUNAY, 2001: 11).

Neste capítulo, o autor apresenta o cenário onde irá trabalhar toda sua obra, fazendo uma descrição meticulosa, deixando o leitor bem informado de todo o percurso que fizera; alguns críticos como Afrânio Coutinho (1997, 283) afirmam que Taunay descreveu tanto sua obra a ponto de o compararem com um botânico ou geógrafo.

Outra observação em destaque sobre o descritivismo do autor é para com certos viajantes que não têm a mesma habilidade de observação da natureza, ao estacionarem nas paragens vão se acomodando e estão preocupados em apenas descansarem, não contemplam a exuberante beleza que a natureza lhes oferece. *O sertanejo que de nada cuidou, que não ouviu as harmonias da tarde, nem reparou nos esplendores do céu, que não viu a tristeza a pairar sobre a terra*, (TAUNAY, 2001: 16). Nesse trecho da obra está claro o cuidado que o autor teve em sua observação, uma sequência minuciosa feita nos detalhes, desde quando os viajantes chegaram no local de descanso, durante o cair da tarde até ao anoitecer.

No segundo capítulo da obra, o autor começa a sua ficção, levando sempre em consideração a veracidade das pessoas e os lugares por onde passa; o viajante Cirino prossegue sua viagem a 42 km (sete léguas) da cidade de Santana do Paranaíba, no bonito trecho do caminho que intercede entre a casa de Albino Lata e a do Leal e é alcançado por outro viajante apressado, que é Pereira. O personagem Cirino foi criado quando Taunay encontrou um curandeiro em uma de suas paragens próxima à casa de José Roberto, fazendeiro que viveu à margem da estrada por onde ele trafegou. Vejamos como o autor construiu esse personagem.

Num pouso adiante, no José Roberto, encontrei um curandeiro que se intitulava doutor ou cirurgião, à vontade, e serviu-me para a figura do apaixonado Cirino de Campos, atenuando os modos insolentes, antipáticos daquele modelo, com quem entabulei, por curiosidade, conversação. Era homem pretensioso quase grosseiro e supinamente ignorante, que viajava com um mundo de drogas para impingi-las, a torto e a direito, aos incautos. (MEDEIROS, 2005: 366, 7).

Taunay escreveu este romance realista narrando fielmente tanto a natureza quanto os hábitos dos sertões, deixando explícito em sua obra os aspectos políticos, morais e sociais.

Romance feito de impressões diretas de paisagens, cenas, tipos e fatos gerais, idealizados por uma recordação que devia de ser saudosa, havia neste, com uma representação esteticamente verdadeira, ao mesmo tempo singela e forte, do sertão e da vida sertaneja no Brasil central, um sincero sentimento, uma simpatia real. (VERÍSSIMO, 1998: 334).

Por outro lado, Afrânio Coutinho (1997: 282) afirma que Taunay objetivou sua obra voltando-a para os acontecimentos da vida cotidiana do sertão, aproveitando seus conhecimentos tanto em suas viagens como sabedor da realidade sertaneja quanto de suas noções literárias e da vida urbana.

[...] Taunay quis enriquecê-la de valores secundários reais, objetivos, retirados da vida imediata. Nem sempre, porém, foi capaz de utilizar esses valores como romancista, de integrá-los de modo adequado no mundo de *Inocência*. Daí o seu realismo descritivo. Cópia fiel de alguns detalhes da realidade, [...] (COUTINHO 1996).

Discutiremos sobre o personagem Leal que, na verdade, se refere a Joaquim Leal, que na obra de Taunay aparece como um personagem secundário, entretanto é de grande importância em nosso trabalho, por ser um elo da genealogia da família “Garcia Leal” relatada no segundo capítulo deste trabalho, Joaquim Garcia Leal é irmão de João Pedro Garcia Leal o suposto avô de Jacinta Garcia Leal figura que serviu de inspiração para o romance *Inocência*. Com isso, estamos tentando mostrar a veracidade e a ligação dos personagens da obra *Inocência* com a respectiva família “Garcia Leal” [...] *fez pouso na casa de Joaquim Leal... Num paiol velho, porque, por ausência do dono da propriedade, não ousara a mulher oferecer-nos a sala dos hóspedes.* [...] (CAMPESTRINI, 2002: 142).

O autor observou atentamente a epidemia que estava assolando naquela região e foi nessa moléstia que assegurou subsídios para criar na personagem *Inocência* seu estado debilitado. Assim descreveu: Cirino chega na casa de Pereira juntamente com este que, alegando ter em sua casa uma filha com maleita, doença que prevalecia em toda aquela região, tendo em vista as grandes cheias causadas pelas constantes chuvas que caíam em grande quantidade e com o baixar das águas deixava a epidemia a pairar sobre aquele povo.

Logo Pereira chama por Maria Conga, escrava que morava na casa e fazia os serviços domésticos, pois o anfitrião não tinha mulher, morrera quando ainda morava em Minas Gerais. A escravidão ainda predominava em nosso país, razão disso o autor aproveitou dessa realidade e da personagem Maria Conga para fazer menção a essa classe que ainda era submissa às demais.

Taunay não deixou de descrever nem mesmo a casa de Pereira, [...] *Consistia a morada de Pereira num casarão vasto e baixo, coberto de sapé, com uma porta larga entre duas janelas muito estreitas e mal abertas.* [...] (TAUNAY, 2001: 31).

Taunay é um escritor de romances regionalistas que construiu sua obra fundamentada em elementos voltados para o amor, o casamento e a família. Quis mostrar como viviam as pessoas nos lugares mais remotos do país, em regiões quase desabitadas e com os rígidos costumes daquela gente do sertão. No entanto, Pereira naquele momento foi obrigado a quebrar essa rotina dos incíveis costumes, pois se viu na obrigação de levar o médico Cirino até o quarto de sua filha, todavia com recomendação e muita cautela. [...] *tenho um grande defeito; sou muito desconfiado. Vai o doutor entrar no interior de minha casa e... Deve portar-se como [...]* (TAUNAY, 2001: 35). No quarto de Inocência, Cirino depara com uma criatura doente, descorada e magra. Mesmo com toda essa descrição a moça era de uma beleza deslumbrante. Cirino prossegue com suas medicações e aos poucos vai ganhando a confiança de Pereira. Diante daquela ingenuidade, Cirino se apaixona por Inocência, e mesmo sendo prometida de seu primo, a moça rompe com o casamento que já estava por acontecer e resolve enfrentar seu pai e o noivo, dizendo que não se casaria.

No século XIX o patriarcalismo da sociedade brasileira adequava a constituição da família e legitimava a intervenção arbitrária dos pais no casamento ou nas concepções de casamento dos filhos. Para defesa da família e da sociedade os casamentos tinham de serem ditados, não pelo amor, mas pelo interesse financeiro, familiar ou social. A mulher tinha o papel de guardar e transmitir riqueza através do matrimônio para não se dispersarem os bens materiais.

Podemos apreciar este fato na obra, quando do diálogo entre Cirino e Pereira. Cirino descobriu que o casamento de Inocência e Manecão era contratado, assim sendo não era de grado da moça, [...] – *Mas sua filha?* – *Que tem?* – *Gosta dele?* – *Ora se!... Um homenzarrão... Desempenado. E, quando não gostasse, é vontade minha, e está acabado. [...]* (TAUNAY, 2001: 93).

Segundo Ingrid Stein [...] após o cultivo da terra, a família começou ganhar mais importância agindo a organização patriarcal, sendo que a autoridade máxima era o pater família [...]. (STEIN, 1984: 22).

Parafraseando Heleith Saffiot, de maneira geral considera-se a família patriarcal como a instituição mais importante para a formação da sociedade brasileira. Ela desempenhou valioso papel regularizador e disciplinador e representava [...] *o único grupo estável e organizado, exatamente pelo fato de ter em suas mãos as principais fontes de riqueza e de poder [...]* (SAFFIOT in STEIN, 1984: 27).

Esta organização perdurou até o século XIV e, somente com a urbanização, houve modificações essenciais em sua configuração, que dependeu de dois fatores paralelos: a decadência econômica do latifúndio pelo empobrecimento da terra e o desaparecimento da mão de obra, pelo parcelamento do domínio e o desenvolvimento das grandes cidades, criando condições econômicas e sociais incompatíveis com a família patriarcal.

A mulher ocupou na família a posição secundária e inferior aos homens, ao lado da função procriadora, de assegurar herdeiros. A mulher de classe alta exercia uma espécie de administração das tarefas do lar e, como mãe, tinha a responsabilidade da primeira transmissão de valores.

A mulher tornou anacrônica; com a urbanização, exigia-se da mulher, sobretudo na corte, que soubesse receber visitas do marido e representá-lo publicamente [...] ao homem ficava destinado às atividades fora do âmbito caseiro, contatos da vida pública, comercial, política e cultural, enquanto a mulher é estritamente ligada a casa [...]. Os homens por natureza eram seres ativos, menos dados a sentimentos, com instinto sexual mais acentuado, e as mulheres individuais submissas, puras, bondosas, de sensualidade menos desenvolvida e destinada principalmente a ser mais esposas. (JURANDIR, in STEIN, 1984: 23).

Para Gilberto Freyre 1984: 23 “o homem foi, dentro do patriarcalismo brasileiro, o elemento móvel militante renovador. A mulher, o conservador, o estável, o de ordem”.

Através da constatação de Freyre, o pai escolhia a profissão dos filhos, definindo a função social de cada um, bem como escolhia para a filha, o marido. A mulher era reservada a função de ser esposa e mãe. Vale ressaltar que desde o Brasil colonial a instrução feminina era negligenciada. Desde os Jesuítas até o século XVIII, monopolizavam o ensino de alfabetização para os meninos, reservando às meninas mais uma orientação moral e religiosa.

Saffiot 1984: 27 vê como uma discriminação e atribui esta discriminação em partes, à tradicional cultura portuguesa, que via na instrução feminina como verdadeira “heresia social”.

Por mais vezes, os moços aprendiam a ler e a escrever e por sua vez estudavam, além das primeiras letras e das gramáticas portuguesas e francesas, os trabalhos de artes manuais, bem como, música, canto e dança. Por outro lado às mulheres tanto casadas como solteiras não gozavam de independências financeiras. O dote não era posse da mulher que com ele entrava para união conjugal ele significava antes, uma contribuição

da casa paterna à subsistência da filha, e era administrado pelo novo responsável por este sustento, o marido.

Antônio Cândido in Stein (1984, 24) coloca que: “O casamento nos tempos coloniais era contraído visando principalmente a interesses econômicos políticos, ficando reservada importância apenas secundária a aspectos como afeto e atração sexual”.

Não é difícil supor as dificuldades, para uma mulher, de compor na época este status, uma vez que ao fazê-lo, era necessário lutar não apenas com o caráter cultural da realidade, mas ainda com seu próprio caráter.

Sobre a personagem *Inocência*, protagonista da obra, Antonio Candido discute as definições de personagens de costume e de natureza, baseado no estudo de Johnson, no século XVIII. Assim:

As personagens de natureza esférica são apresentadas além dos traços superficiais, pelo seu modo íntimo de ser e isto impede que tenham a regularidade dos outros. Mas são imediatamente identificáveis, e o autor precisa, a cada mudança de seu modo de ser, lançar mão de uma caracterização, diferente, geralmente analítica, não pitoresca. (CÂNDIDO, 1995: 63).

É o caso de Inocência a protagonista, que é uma moça de beleza angelical, olhar singelo, ingênua, pura, corpo escultural, uma sertaneja de rara beleza, mulher real como era no sertão apropriada para casar, dona de casa submissa ao marido, mas que quebra todas as regras submetidas a ela e finaliza a obra com a mulher ideal, pois a mesma demonstrou ser uma mulher muita além do seu tempo.

Assim a identificamos como “esférica” porque seus atos nos surpreendem, sua maneira de viver é muito complexa, a cada página uma surpresa, uma informação sobre o que ela é e como interpreta a vida.

As personagens esféricas, não são claramente definidas por Foster, mas concluímos que suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três e não duas dimensões: de serem, portanto organizadas com mais complexidades e, em conseqüências capazes de nos surpreender. (CÂNDIDO, 1995: 63).

A vida de Inocência foi dividida em dois tempos: antes de Cirino e depois dele. É o que veremos no decorrer da análise. É importante ressaltar que “Inocente” em latim

é o antônimo nocência ae (o que nocente é prejudicial, nocivo e que causa dano e mal). E para maior esclarecimento deste comentário encontrará a parte que nos traz ambigüidade referente à fala do pai que a trata por “Nocência” “Pobrezinha”. [...] *Por esta não há de vir o mal ao mundo... É uma pombinha do céu... Tão boa carinhosa... É “feiticeira”*. (TAUNAY, 2001: 37).

“Feiticeira” segundo o dicionário citado significa: *bruxa, boneca de pano, fascínio e borboleta noturna*, através destas definições chegamos à analogia de casulo, durante o dia era “Inocência” virginal, pura, cheia de beleza, tímida, mas ao romper do casulo “Nocência” desabrochava seus vãos à liberdade, a noite fazia resplandecer seus instintos naturais, porque todos os encontros de Cirino e Inocência foram no período noturno.

Por enquanto, tratou de encontrar-se com Inocência, grandes eram as dificuldades; o meio único, tentar novamente as entrevistas noturnas, pelo que do laranjal não arredava o pé, noites e noites inteiras,... à janela da querida do casarão”. (TAUNAY, 2001: 37).

Sendo esta a definição de dois tempos na vida de Inocência, que antes de conhecer Cirino, sobrepôs a paixão sobre a razão se opondo às ordens do pai e, ao demonstrar seus sentimentos, tornou-se livre para expressar seus desejos, não aceitando o casamento proposto, preferindo a morte. *Eu... casar com o senhor?! Antes uma boa morte!... Não quero... Não quero... Nunca... Nunca*. (TAUNAY, 2001: 138).

Talvez seja esse o motivo dela ter sido chamada de “feiticeira” nome dado as mulheres que rebelariam aos valores corretos da época.

Outro fator importante é a intertextualidade, que podemos encontrar numa comparação num drama amoroso de sentido trágico, Romeu e Julieta. Pois, tanto na obra de Shakespeare quanto na obra de Taunay, ambos casais de jovens declararam genuíno amor e conscientizam-se de que o amor sentido por eles causa a ruptura das normas da família.

Em Romeu e Julieta o erro de amar acontece porque os jovens são de famílias inimigas (Montecchio e Capuleto) e, ainda Julieta era prometida de Paris. Em *Inocência*, o erro de amar ocorre porque Inocência era prometida a Manecão. Portanto, nas duas obras há uma questão de honra, que é abalada com a instituição de um triângulo amoroso. O que, de certa forma, abala um conjunto pré-estabelecido, ou seja, Inocência e Manecão formariam um casal como outro qualquer, porém com a

aproximação de Cirino Inocência percebe que poderia alcançar algo além de uma simples união conjugal, que seria um amor verdadeiro, no entanto proibido.

Outra característica em comum é que mesmo conscientizada de que o amor é “fora da lei” Romeu e Julieta, Cirino e Inocência, lutam para ficarem juntos, tentam mudar o curso de suas vidas. Entretanto, têm um final trágico, pois morrem. Assim a morte os impede de realizarem seus planos em vida, mas promove a “união” deles em um só fim: morrer porque não é possível ser feliz na vida, o que traduz a idéia romântica do amor ligado à morte.

Esta universalidade dada pela intertextualidade, segundo Goethe (1984: 25) seria o resultado de um processo dinâmico, histórico que insiste na comunicação entre os povos, para a união de homens cultos. Esta união é comprovada no capítulo XVIII, com o título de “Idílio”, qual Taunay utiliza a seguinte epígrafe. *Mas, que luz é essa que ali aparece naquela janela? A janela é o oriente, e Julieta o sol. Sobe, belo astro, Sobe e mata de inveja a pálida lua. (Romeu e Julieta, ato 11)*. Simultaneamente a esta passagem, ocorre quando Cirino depara à janela de Inocência e diz: *um vulto ali estava!... Era o dela; Inocência... Não havia duvidar [...] Abra, tenha pena de mim... Eu morro por sua causa...* (TAUNAY, 2001: 94 - 95).

Assim estes autores tecem admiráveis imagens poéticas através das palavras. Shakespeare corteja os ouvidos de sua platéia com a linguagem; Taunay por sua vez, encanta a visão de seu leitor com a descrição minuciosa do sertão. Pois é como se a linguagem transportasse o mesmo para dentro da obra e este passasse a observar implicitamente o que lhe é descrito.

Ao passo que Jacinta Garcia residente nas proximidades de Santana do Paranaíba foi portanto a musa inspiradora que deu nascimento moral a *Inocência*, do avô, Taunay tirou o tipo do desconsolado leproso, repellido do rancho de Pereira pai de Inocência, que o autor conservou no romance com o nome verídico, porém, as suas características físicas e morais - homem enérgico, expressão altiva, robustez e firmeza em seus diálogos, sua proteção descontrolada sobre as mulheres, controlador de seu pequeno mundo - Taunay foi encontrar num chefe de família, já na Província de Minas Gerais.

O personagem Tico, o autor fundamentou em um anão que conhecera na transposição de um rio quando saíra em sua viagem de regresso rumo ao Rio de Janeiro. Esse anão, na verdade, era como uma espécie de guardião de *Inocência*, tinha sua residência às margens do rio Sucuriú, mas permanecia o maior tempo na casa de

Pereira. Aqui o autor usa este personagem para mostrar através dele uma classe social negra que estava submissa à outra, ou seja, o personagem Tico era baixo, negro e mudo sua estatura e a cor representavam a submissão e a qualidade de mudo mostra que os negros não tinham voz ativa perante a sociedade branca.

[...] à margem do Rio Sucuriú, afluente volumoso do Pardo que leva as águas do Paraná.

Aí vi o anãozinho, mudo, mas um tanto gracioso, sobretudo ágil nos movimentos, que me serviu de tipo ao *tico* do meu romance *Inocência*.

Passou-nos numa canoa com muito jeito, buscando conversar e tornar-se amável por meio de frenética engraçada gesticulação. Dei-lhe uma molhadurazinha e pôs-se a pular como um cabritinho satisfeito da vida, fazendo-nos muitos acenos de agradecimento e adeuses com o chapéu de palha furado, que não esqueci de indicar naquele livro. (MEDEIROS, 2005).

Cirino era prático de farmácia e foi ele o primeiro elemento a perturbar o núcleo da família; era conhecedor da vida urbana e também do mundo rural, pois sempre estava viajando e com isso era conhecedor dos hábitos das pessoas tanto da cidade quanto do sertão. Podemos dizer que obedecia a Pereira nas recomendações, pois via a diferença que existia entre as culturas urbanas e sertanejas. Mas, com a força da paixão, Cirino rompeu com a confiança que Pereira depositara em sua pessoa e aproveitava a ausência deste para estar junto de Inocência, quebrando a sua postura de pessoa que aparentava ser de boa índole.

Enquanto Pereira cuidava para que o naturalista ficasse longe de sua filha, Cirino ganhava terreno e confiança do pai da moça: isso o deixou mais à vontade para reencontrar Inocência fora do horário de receitar as mezinhas que tinha horas estipuladas para serem medicadas.

Para que Cirino, o médico de Inocência, permanecesse na casa por mais tempo até que a moça ficasse sem os males que o acompanhara, fez então Pereira avisar os vizinhos tanto de perto quanto de mais longe, para que viesse até sua casa, para serem medicados por Cirino, para que este não perdesse tempo cuidando apenas de uma paciente.

O segundo elemento a perturbar a ordem na casa é o personagem Meyer, ele desconhece os valores rústicos do sertanejo e é um homem estritamente urbano, foi muito importante na trama do romance, ele foi criado com o intuito de tirar a atenção que Pereira dispensara sobre Cirino, para que este pudesse se aproximar de Inocência, sabendo-se que o núcleo do romance girava em torno de ambos, [...] *O camponês*

criado por Taunay em Inocência teme que o naturalista alemão, hóspede em sua casa, venha a desorganizar-lhe a vida familiar. [...] (SCHÜLER, 2000: 46). Podemos observar que no século XIX, assim como nos dias de hoje, o homem estrangeiro já tinha um interesse muito grande por nossa natureza, pela nossa fauna e flora. O alemão Meyer era um colecionador de insetos que, depois de capturados, eram enviados a seu país de origem para serem catalogados, não eram somente os insetos que chamavam sua atenção, mostrava também um interesse muito grande pelos remédios naturais que Cirino receitara aos seus pacientes.

Meyer trazia consigo várias cartas, para serem distribuídas aos destinatários encontrados ao longo de suas viagens. Porém, uma delas era destinada a Pereira, vinda de seu irmão Francisco dos Santos Pereira, que não via há mais de quarenta anos. Com a alegria descontrolada de Pereira ao receber a carta e as recomendações de Francisco para que pudesse hospedar o naturalista em sua casa como se fosse ele em pessoa, deu total liberdade a Meyer para usufruir tudo o quanto era seu, mas o cientista agradeceu a Pereira e ficou apenas com a hospedagem. Ao ver Inocência, o alemão ficou estático de emoção e de vez em quando perguntava a Pereira como é que estava a moça, pois se encontrava muito doente, mas para o pai de Inocência era uma afronta muito grande. Meyer, na sua formação, achava normal estar interrogando o mineiro para saber de sua filha, mas para Pereira era totalmente o oposto, acostumado a isolar e a proteger sempre as mulheres. Com isso, podemos verificar um choque de culturas entre o naturalista Meyer e Pereira: Meyer por ter sua formação estritamente urbana e Pereira um ruralista nato.

Com o anúncio que Pereira fizera aos seus vizinhos da chegada do médico Cirino em sua casa, despertou o interesse de muitos, principalmente de um homem com uma doença mofina: era Coelho, homem que possuía boa quantia em dinheiro; chegou a ponto de Pereira dizer a Cirino que podia cobrar bem mais além do que de costume. Após a consulta, disse Cirino a Coelho que este estava empalorado; muito assustado Coelho pergunta ao médico se sua moléstia era curável e o médico afirma que sim, mas recomenda que o remédio é violento. [...] – *Tomarei tudo, afirmou Coelho: há anos que faço um horror de mezinhas e de nenhuma delas tiro proveito,...* (TAUNAY, 2001: 85). Cirino então continuou com sua análise e dentre outros remédios que receitara ao pobre homem, pediu que tomasse também leite de jaracatiá. Com admiração e espanto ficou tanto o doente quanto Pereira, mas Cirino, dando sua palavra de médico, disse que

tomando a dose certa não haveria que temer, pois, já teria curado uma porção de empalamados com esse remédio.

O empalamado concebido pelo personagem Coelho, representa fielmente todos os males dos habitantes daquelas paragens, eram doenças mal curadas que iam deixando as pessoas anêmicas amareladas e debilitadas. Vejamos na obra, (MEDEIROS, 2005).

O mal principal de Coelho, pois, de todos quantos sofrera, por largos anos, se constituíra o coroamento, era esse de *empalamado*. “Um curandeiro”, disse-me, “que passou por aqui e que por sinal me comeu bom cobre, aconselhou-me remédio certo, mas violento – leite de jaracatiá tirado pela manhã e bebido perto da árvore”.
[...] Ora, o tal leite daquela espécie de mamoeiro da floresta é sobremaneira cáustico e urente. [...] – não faça tal – observei-lhe -, o Sr. Ficaria queimado por dentro [...].

Dentre todos os condenados a moléstias, o pior de todos é o morfético que possuía o mal-de-lázaro ou lepra, como os sertanejos daquela época conheciam. Um homem bastante abatido pelo tal incômodo, chega na casa do mineiro para ser medicado pelo doutor Cirino. Pereira, com receio de contrair o mal, por se tratar de uma doença contagiosa, não permite que o pobre condenado adentre em sua casa, então Cirino o atende do lado de fora. O morfético não estava mais à procura de remédio para o seu mal, queria apenas saber ou ter uma confirmação de uma pessoa que entendesse do assunto para lhe tirar a dúvida se esta doença era contagiosa e se tinha cura: após a confirmação de Cirino que lhe disse tanto era contagioso quanto incurável, o velho lamenta. Vejamos na citação a seguir, o diálogo entre Cirino e Garcia.

E Garcia, Fechando os olhos como que para concentrar as forças, continuou:
- Ah! Doutor, eu sou um pobre homem... Velho já cansado... Por que não me veio à morte em lugar dessa podridão que me está comendo as carnes?... Muito tempo a senti dentro de mim... Disfarcei, que ao dia em que minha neta... A filha do meu coração... À jacinta... Ela mesma, mostrou certo receio de me abraçar... Ah! senhor, quanto se sofre nessa vida! (TAUNAY, 2001: 91).

Ao término da conversa que tivera com o médico e Pereira, Garcia monta em seu cavalo e a passo toma o rumo da estrada, como que desenganado da ciência, sai desiludido até sumir na curva da estrada no momento em que anoitece, como o manto escuro da morte à noite o acompanha.

Este personagem Garcia, o *morfético*, morava logo após Manuel Coelho, moradia que ficava no trajeto que Taunay fazia em seu regresso de Camapuã com

destino ao Rio de Janeiro. Esta figura, Taunay lembrou quando estava descrevendo a personagem heroína de *Inocência*, conta ele que chegara na casa de João Garcia quando este estava almoçando (João Pedro Garcia Leal integrante da família Garcia Leal da genealogia do segundo capítulo deste trabalho). Garcia lhe ordenou que sentasse à mesa para almoçar, no entanto Taunay não o fez. Garcia disse que este não sentou-se à mesa por causa da moléstia que sentia, Taunay se desculpou deixando claro que não teria mal algum sentar-se à mesa com pessoas que continham a doença. Para não demonstrar tal receio aceita um bom café servido pela neta de Garcia. Conta que sua neta estava de casamento marcado com o seu primo, só que estava também condenada a carregar consigo do mesmo mal que sentia, erguendo seus lindos cabelos e mostrando um lóbulo vermelho em sua orelha. Conferimos a seguir.

- Daqui a três semanas – declarou-me o avô -, casa-se com um primo. Mas o Sr. quer ver que desgraça? A pobrezinha da inocente já está com o mal!...

E, levantando-lhe um maço de esplêndidos cabelos, mostrou-me o lóbulo da orelha direita tumefacto e roxeado!

Toda essa radiosa e extraordinária formosura estava condenada a ser pasto da repugnante lepra! (MEDEIROS, 2005).

Outro aspecto que também se faz presente na obra de Taunay é a religiosidade, os protagonistas admitem a sensação de insignificância diante do universo e recorrem à divindade como uma busca de solução para seus problemas e aflições. A invocação de santos e a oração são constantes no enredo da obra. Os santos funcionam como intercessores junto a Deus e suas imagens são veneradas.

Há referência a vários santos do ensinamento católico, como: Nossa Senhora, Nossa Senhora da Abadia, Senhora Sant'na, Nosso Senhor Jesus Cristo, São Jorge, Nossa Senhora da Casa Verde, São Tiago.

Uma passagem maravilhosa do livro é quando Inocência, aflita, ajoelha-se diante da imagem de Nossa Senhora e murmura:

-Minha nossa Senhora mãe da virgem que nunca pecou, ide adiante de Deus. Pedi-lhe que tenha pena de mim... Que não me deixe assim nesta dor cá de dentro tão cruel. Estendei a vossa mão sobre mim. Se é crime amar a Cirino, mandai-me a morte. (TAUNAY, 2001: 128).

Neste enunciado, o leitor observa a tamanha angústia que consumia Inocência, que chega a ponto de desejar a morte, se amar Cirino fosse pecado. Fica clara a

preocupação de Inocência em relação ao pecado e, ao mesmo tempo, com a fé, roga a Santa para interceder por ela diante de Deus.

O povo brasileiro é extremamente religioso, já é tradição o costume de orar para os santos padroeiros. São comuns as cidades brasileiras terem estes santos padroeiros, como protetores, os católicos brasileiros oram (rezam) para uma grande variedade de imagens. Cirino faz uma promessa a Nossa Senhora da Abadia e conta para Inocência - *Irmos nós daqui até a vila a pé, botar duas velas bentas no altar de nossa Senhora.* (TAUNAY, 2001: 115). Percebe-se a grande confiança na divindade, a espera de uma bênção, vota em fazer um sacrifício se a bênção lhe for concedida.

A própria Inocência é santificada nas palavras de Cirino. *Oh! Minha santa do paraíso...* (TAUNAY, 2001: 115).

Convém salientar o dogmatismo e a superstição apresentada em grande profundidade dentro da obra, a exemplo de quando Cirino e Inocência se encontravam às escondidas, que o grito de Tico os assombrou, a ponto de Cirino questionar, [...] *se era ente humano ou fantasma quem dele parecia fazer foguete.* (TAUNAY, 2001: 116). E, para comprovar o quanto o sobrenatural agia sobre a consciência dos personagens, Inocência, ao tentar enganar o pai, a não concretizar o casamento dela com Manecão, usa da imagem da mãe falecida, dizendo que a mesma tinha vindo lhe avisar sobre a infelicidade no casamento, o que deixou Pereira assombrado em primeira instância.

Outro ponto é quando Inocência rejeitou fugir com o amado, porque tinha medo de ser amaldiçoada pelo pai: *-E meu pai, Cirino? Que haverá de ser?... Atirava-me a maldição... Eu ficava perdida...* (TAUNAY, 2001: 113).

Percebe-se que a bênção do pai era importantíssima e a ausência da mesma era uma grande barreira no caminho de Inocência para a conquista de sua alegria e felicidade. Esta crença preenche o vazio moral e espiritual na vida da heroína.

Na obra *Inocência* está presente uma paixão complexa, na qual a protagonista e Cirino desejavam que houvesse uma mudança, procuravam meios, pois temiam a chegada de Manecão, porque isso representava um empecilho para a união deles, tinha medo da separação; *preciso conversar... Mesmo para arranjo da nossa vida... O Manecão não tarda...* (TAUNAY, 2001: 97).

Eles pensavam em falar com Pereira, mas com medo, Cirino não teve coragem. Ele até que caminhou em direção ao pai da moça, mas o mesmo só lhe falava do alemão, com implicância de pensar que Meyer estaria interessado em Inocência.

Com a idéia frustrada da fuga de ambos, Inocência pede para Cirino ir até a casa de seu padrinho, Antônio Cesário que morava em Minas Gerais para que ele interferisse junto a seu pai, para que rompesse com o casamento que, por hora, estava marcado. — *Galopai depressa, corcéis de fogosos pés, em direção da morada de Febo²!* (SHAKESPEARE, 2002).— *Então, partirei hoje mesmo, disse o moço.* (Taunay, 2001: 115) Cirino sem demora parte em sua viagem prometendo em poucos dias estar de volta.

Ao passar pela vila de Santana do Paranaíba, é interpelado pelas pessoas que por ali trafegavam ou descansavam, um comerciante muito ativo e disposto é que tomou o rumo da prosa. Era o major Melo Taques, um dos comerciantes mais bem sucedidos daquele povoado. Foi aí que, tanto Cirino quanto Manecão Doca se conheceram. Cirino, em sua viagem rumo a Minas Gerais com destino à casa de Antônio Cesário, e Manecão, de regresso à casa de Pereira. Medeiros assim escreve.

[...] Transpondo límpido regato e vencida pedregosa ladeira com casinhas de sapé à direita e à esquerda, chega-se à rua principal, que tem por mais grandioso edifício espaçosa casa de sobrado, de construção antiquada. Ornamenta-a uma varanda de ferro e um telhado que se adianta para a rua, como a querer abrigá-la em sua totalidade dos ardores do sol. É aí que mora o major Martinho de Melo Taques, baixote, rechonchudo, corado. [...] (MEMÓRIAS, 2005: 368).

O autor descreve também a vila de Santana do Paranaíba quando voltava de Camapuã com destino ao estado do Rio de Janeiro. Observemos a citação:

No dia 7 de julho entrávamos na vila de Sant'Ana do Paranaíba, paupérrima e sazonal localidade, de que dei descrição na *Viagem de Regresso* e em *Inocência*, não esquecendo, em ambos estes livros, de me referir ao nosso bom e loquaz hospedeiro, Major Martin Francisco de Melo Taques, o *tutu* daquelas redondezas, morador na casa única de sobrado, grade de ferro da povoação. Já era!... (MEMÓRIAS, 2005: 368).

Os moradores gostam de começar suas histórias com uma descrição de circunstanciais em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que preferem atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. (BENJAMIN, 1994: 205).

Porém, das observações que Taunay fazia durante sua estada no sertão, pode se analisar um detalhe, que a exuberante beleza estava voltada tão somente para a natureza, paisagens e costumes dos habitantes que ali moravam e com isso são descritos com o maior senso da realidade e mais sobriedade e exatidão de traços, todavia, não somente essas representações, mas também aspectos políticos, sociais e morais. [...] *se no início*

² - Sol, astro rei, que possa iluminar nosso caminho.

do Romantismo se acreditava nas potencialidades individuais, depois essa convicção foi substituída pelo pessimismo, com imagens melancólicas do indivíduo [...] (JUNIOR, 1995: 40). Esses aspectos citados seriam, na verdade, os responsáveis pela falta de estruturas para uma vida digna daquelas pessoas que ali residiam, que eram pessoas anêmicas, de cores amareladas pelas freqüentes maleitas que atormentavam aquela população. [...] crianças anêmicas, mulheres descoradas, homens desalentados, eis a vila de Santana. (CAMPESTRINI, 2002: 142).

Cirino passa por esta vila e segue sua viagem rumo a Minas Gerais, pernoita às margens do rio Paranaíba e, no dia seguinte, transpondo o majestoso rio, segue em direção à casa do padrinho de Inocência com muita ansiedade. No mesmo instante, Manecão, em sentido oposto, segue para a casa de Pereira. Finalmente, Cirino, com muito sacrifício chega na casa de Antônio Cesário; um sacrifício diferenciado do que de costume, não o das longas e incansáveis viagens, mas a ansiedade que afligia sua alma ao longo da caminhada e que tudo era mutável: uma dúvida que tirava a calma será que o padrinho de Inocência aceitaria a idéia do rompimento do casamento de Inocência com Manecão? Uma vez dada a palavra de seu pai, uma palavra que não voltaria atrás, como se fosse palavra de rei, dito popular que era de costume das pessoas da região.

Pereira se sente aliviado com a partida tanto do naturalista Meyer que muito amofinara seu sossego quanto Cirino que também partira a pouco, e muito contente com a chegada do futuro genro pelo fato deste, ter providenciado toda a papelada do casamento de Inocência e Manecão. Porém, não sabiam eles que Inocência estava preparada a dar cabo ao casamento que não era de seu agrado. Ansiosos, esperavam na sala; Inocência estava naquele momento no córrego, ao chegar no terreiro de sua casa e deparar com a chegada de seu futuro marido contratado, se fez de doente, amparada pelo seu pai é levada ao quarto recusando o diálogo com o moço que o esperava. – *Que há, minha filha! Qual é o motivo desse ar tão sério? Acho que de algum tempo para cá andas muito carrancuda. (SHAKESPEARE, 2002: 47). – Que tem você, menina, perguntou ele, meio terno, de alguns dias para cá? (TAUNAY, 2001: 129).* Inocência vai, mas para dizer que não sabia de casamento algum e não iria casar com o primo. Pereira comenta com Manecão que era por causa do alemão que por ali teria passado.

No término da narração, especialmente no último parágrafo, o narrador propõe um enigma, um mistério. Ele utiliza um eufemismo para expor que Inocência tinha morrido. *Exatamente nesse dia fazia dois anos que o seu gentil corpo fora entregue a*

terra, no imenso sertão de Sant'na do Paranaíba, para aí dormir o sono da eternidade. (TAUNAY, 2001: 148).

Deixando aberto à imaginação do leitor: do que será que morreu Inocência? A jovem morreu de paixão? Ou melhor, de saudades do amado? De tristeza de casar-se com Manecão? Ou será que se suicidou?

Podemos elencar qualquer uma dessas hipóteses como sendo a causa responsável pela morte da jovem. Mas para compreendermos o mistério seria preciso voltar ao “alicerce” do problema e percebermos o que realmente matou Inocência fora a moral que era lhe imposta pelo pai, visto que Pereira foi até às últimas consequências afirmando a filha. ... *Quero antes vê-la morta, estendida, do que... a casa de um mineiro desonrada.* (TAUNAY, 2001: 130).

Na obra temos um retrato da sociedade paternalista, em que o machismo pregava que, a palavra de um homem não pode ser esquecida, deve ser honrada e cumprida. *Pertence à palavra de honra, e palavra de mineiro não volta atrás...* (TAUNAY, 2001: 134). Trata-se de um costume, uma tradição transportada de Minas Gerais para o Mato Grosso.

Portanto, Inocência vivencia um importante dilema: viveria segundo as regras arbitrárias e hipócritas da sociedade capitalista ou seria autêntica? Por isso paga o preço da incompreensão de uma sociedade fingida, que não aceitava ser questionada, mas luta pelo objetivo até a última instância. Uma heroína romântica por defender a qualquer custo os direitos do sentimento e do coração.

CAPÍTULO II

A ÁRVORE DA QUAL BROTOU INOCÊNCIA: UMA GENEALOGIA

Neste primeiro capítulo apresentaremos a genealogia da família “Garcia Leal”, que tem suas raízes lusitanas fincadas no Arquipélago dos Açores. O Arquipélago dos Açores está situado no Atlântico Norte e é formado por (09) nove ilhas vulcânicas: São Miguel, Pico, Terceira, Santa Maria, Graciosa, São Jorge, Flores, Faial e Corvo as três primeiras citadas são as maiores: São Miguel 747 km quadrados, Pico 433 km quadrados e Terceira com 397 km quadrados e a menor é Corvo com apenas 12 km quadrados, mais precisamente na Ilha do Faial que tem como capital a cidade de Horta.

Nos dados históricos levantados pelo historiador Marcos Paulo de Souza Miranda³, aparece um excelente trabalho em sua obra *Jurisdição dos Capitães, 2003*, a história de Januário Garcia Leal, o Sete Orelhas e seu bando. A priori, ele trata do acontecido macabro com um dos descendentes dessa numerosa família por questões de limites de terra. Para deixar bem claro, o episódio, o autor realizou uma pesquisa bem aprofundada na questão genealógica dos “Garcia Leal”. Nos autos de sua pesquisa buscou informações precisas nos cartórios de diversas cidades mineiras, cidades do Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Ilha do Faial e Lisboa.

1.1 Açores

Por volta de 1427, o Arquipélago dos Açores foi descoberto por Diogo de Silves, da casa do Infante Dom Henrique, com exceção das Ilhas Flores e da Ilha do Corvo que só 25 anos mais tarde, em 1452, foram descobertas. As sete ilhas descobertas primeiramente foram povoadas nos meados do ano de 1439: as Ilhas Santa Maria e São Miguel, a cargo de Gonçalo Velho Cabral, com as famílias Alentejanas, Algarvios e

³ Promotor de justiça em Minas gerais, Sócio do Colégio Brasileiro de Genealogia, Sócio da Associação Brasileira dos Pesquisadores de História e Genealogia e Conselheiro Administrativo do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do Alto Rio Grande.

Flamengas; a Ilha Terceira foi colonizada por Josué Van den Berge, que ficou conhecido em Portugal pelo nome de Jácome de Bruges; a colonização das Ilhas Faial e Pico ficaram a cargo de Josse Van Heuter, senhor de Moerkerke, a quem os portugueses chamavam de Joz de Utra. As ilhas de São Jorge, Flores e Corvo foram colonizados por Wilhelm Van de Haagen, nome que os portugueses transformaram para Guilherme da Silveira e, por último, a Ilha Graciosa ficou aos cuidados de Vasco Gil Sodré. Pela posição estratégica, o Arquipélago desempenhou um importante papel nas navegações dos portugueses, mas não ficaram livres dos ataques dos Corsários, esses Corsários eram aventureiros mouros, argelinos, ingleses, franceses, holandeses e outros muitos hostis, que faziam a “guerra dos corsários” por ordem de seus governos e não para tirar proveito pessoal, acontecia, porém, às vezes que um corsário se transformasse em pirata quando então trabalhavam em proveito próprio, assaltando os mercadores que voltavam das Américas carregados de mercadorias e pedras preciosas.

De início as ilhas tiveram dependências do Grão-mestre da Ordem de Cristo, mas em 1494 passaram para ao domínio de Portugal por ordem de D. Manuel. Hoje os Açores formam uma comunidade autônoma com seu governo próprio, porém subordinada à nação portuguesa.

1.2 Emigração Açoriana

Foram inúmeros os fatores que levaram a imigração de açorianos para o Brasil. Com o crescimento demográfico, a economia voltada para a agricultura de subsistência, forte e freqüentes tremores de terra, gera uma falta de perspectiva de melhoria financeira. Porém, uma posição geográfica privilegiada para as viagens ao Brasil e com a descoberta das minas de ouro em Minas Gerais esse fluxo de imigrantes tende a aumentar no início do século XVIII.

Segundo Djalma Garcia Campos, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, as raízes dos descendentes dos Garcia Leal têm sua maioria no Arquipélago dos Açores. Herdaram segundo Denise Cássia Garcia *Os Garcia Frades, 1990*, os usos e costumes dos luso-açorianos, tais como: Festa do Espírito Santo, festa do Divino e as Folias de Reis; no trabalho artesanal têm a roda de fiar, os teares domésticos, doces caseiros, o carro de boi, tudo quanto que se usa aqui os açorianos também usam lá. Além do folclore, usos e costumes ficam também, acima de tudo, os espíritos de aventureiro resgatados por paulistas e mineiros.

José Guimarães (1960), escreveu com muita propriedade sendo este um grande conhecedor do assunto.

Essas gentes ordeiras, laboriosas, prolíferas, antes ilhadas nos Açores, não encontraria limites para sua expansão em terras brasileiras. Unindo seus sangues ao dos paulistas que povoaram as Minas Gerais, transformou-se em novos bandeirantes, passando seus ramos genealógicos de povoado em povoado. Obtêm grande número de sesmarias, onde estabelecem suas fazendas, fundam povoados e cidades. De São João Del Rei, passam para Lavras, Aiuruoca, Baependi, Campanha, Caldas, Ouro Fino, Pouso Alegre, Cabo Verde, Jacuí, fundando nas suas caminhadas as novas povoações. De Aiuruoca e de São João Del Rei, passam para região fluminense do Vale de Paraíba. Ultrapassam a fronteira paulista, sempre rumando para o Oeste, indo contribuir para o povoamento da região da Mogiana, onde se localizam em Casa Branca, Franca, Mogi-Mirim, Batatais, São João da Boa Vista, Espírito Santo do Pinhal, Mococa e tantas outras, que são as bases para novas avançadas pela região de Araraquara, Rio Preto, e por aí afora. Ribeirão Preto passa a ser princesa o Oeste, embora fique ao Norte geométrico de São Paulo, pois esses açorianos que passaram a ser mineiro caminhavam para o Oeste. As novas gerações são paulistas e serão goianas, mato-grossenses e paranaenses, pois, em sucessivas levas, os descendentes daqueles açorianos, atingem o verdadeiro oeste de São Paulo, chegam ao Sul de Mato Grosso e ao Sul de Goiás, e mais tarde colonizam o norte do Paraná. (MIRANDA, 2003: 12-13).

Por tudo isso, o escritor açoriano de Angra de Heroísmo, Gervásio Lima (1928), com grande orgulho e patriotismo escreveu que.

Não há, em todo vastíssimo território brasileiro, povoado algum, cidade ou vila, edificação, monumento, tudo que exija trabalho, esforço, energia, que não tivesse a construí-los, a cimentá-los, braços rijos de açoriano, suor, sangue, lágrimas, ossos, cinzas dos laboriosos filhos do Arquipélago. (MIRANDA, 2003: 13).

1.3 Origens remotas

No volume IV do *Anuário Genealógico Latino*, o apelido⁴ Garcia tem sua origem do basco *harsea* que significa *urso*.

No início da colonização do Arquipélago várias famílias vieram a povoá-los, dentre essas famílias, a dos Garcia fazia presença principalmente na Ilha do Faial. Essa família recebera de D. João III, em 26-01-1543, uma carta de brasão⁵ que tinha como armas de prata, com três leopardos vermelhos, armados, e lampasados de azul, um sobre o outro, tendo como timbre um leopardo do escudo. Isso prova que a família “Garcia

⁴ Apelido, nome de família, ápodio.

⁵ Ver brasão em anexo. (anexo 2)

Leal” tinha grande importância junto ao governo daquele Arquipélago, pois, só eram cedidos os brasões para as pessoas de alta patente.

Uma das características da família Garcia era a proteção dos parentes uns pelos outros e este foi um dos fatores que levou Januário Garcia e seu bando a fazerem justiça com as próprias mãos para com os malfeitores assassinos de seu irmão por motivos de divisas de terras.

1.4 Árvore genealógica dos “Garcia Leal”

1.4.1 Ana Garcia

Ana Garcia e Mateus Luis casaram-se em 20 de junho de 1664 na Matriz de Horta perante o Reverendo Manoel Silva. O assentamento é o seguinte:

Em os vinte do mês de junho de mil seiscentos e sessenta e quatro recebeu o Reverendo Vigário desta Matriz do Salvador por mandado expresso do Reverendo Ouvidor o mesmo Vigário Manuel Diniz Homem a Mateus Luis, filho de Francisco Luis e sua mulher Maria Martins fregueses de Nossa Senhora da Luz da Ribeira dos Flamengos com Ana Garcia Filha de Diogo Rodrigues e sua mulher Bárbara Gularte fregueses desta Matriz do Salvador sem embargo e uns impedimentos que saíram para casarem, os quais impedimentos foram julgados e sentenciados pelo Reverendo Visitador desta Ilha Graciosa e de outras o Dr. Antônio da Cunha [...] por nulos e de nenhum vigor, e depois destes primeiros impedimentos, não houve segundos nem nós o sabermos. Foram presentes Francisco Gaspar Mercador e João Gonçalves Lobom: fiz e assinei era ut supra. Manuel da Silva. (grifos nossos).

Deste casamento foram vários os descendentes, mas em destaque está João Garcia Pinheiro, que mais tarde com alguns irmãos passaram para as terras brasileiras na década de 20 do século XVIII deixando assim uma vasta descendência.

1.4.2 João Garcia Pinheiro

João Garcia Pinheiro foi batizado na Freguesia de Nossa senhora das Angústias, em 26 de maio de 1679. Casou-se em 1700 na Matriz do Divino Espírito Santo da Feteira, com Maria Leal, filha de Francisco de Vargas Leal e sua mulher Bárbara Guedes, tiveram os filhos Maria nascida em 30.12.1705, Manoel nascido em

17.05.1707, Rosa Maria de Jesus, Garcia Pinheiro, José Garcia Pinheiro e Pedro Garcia Leal.

1.4.3 Pedro Garcia Leal

Pedro Garcia Leal, nascido em 1722 nos Açores, sendo o filho mais novo do casal, como seus irmãos veio para o Brasil, passando por São Paulo, e posteriormente para Minas Gerais a procura dos garimpos de ouro e de escravos fugidos. Casou-se em Mogi-guaçu aos 12 de novembro de 1749 com Josefa Cordeiro Borba nascida em Cotia São Paulo em 1735 filha de Inácio Diniz Caldeira e Escolástica Cordeiro Borba, seu pai Inácio tem seus ascendentes também dos Açores na Ilha Terceira, e sua mãe tem seus ascendentes em São Paulo, da família do Bandeirante “Borba Gato”.

O casal Pedro Garcia Leal e Josefa Cordeiro Borba teve nove filhos:

- 1) José Garcia Leal, nascido em 1755.
- 2) Joaquim Garcia Leal, nascido em 1758.
- 3) João Garcia Leal, nascido em 1759.
- 4) Januário Garcia Leal, nascido em 1761.
- 5) Manuel Garcia Leal, nascido em 1763.
- 6) Antônio Garcia Leal, nascido em 1764.
- 7) Ana Garcia Leal, nascida em 1767.
- 8) Maria Garcia Leal, nascida em 1767.
- 9) Salvador Garcia Leal, nascido em 1768.

1.4.4 João Garcia Leal

João Garcia Leal, nascido em 1759 e batizado na freguesia de Santa Cruz de Goias (Goiás). Casou-se em Lavras, Minas Gerais, em 24 de junho de 1783 com Maria Joaquina do Espírito Santo, natural de Carrancas, filha de Nicolau Martins Saldanha e de Inácia Maria de Barros. O casal teve os seguintes filhos: Eufrásia Garcia Leal, nascida em 1784; José Garcia Leal, nascido em 1785 (*mais tarde este veio a fundar a cidade de Santana do Paranaíba em MT*); José Pedro Garcia Leal, nascido em 1786; Joaquim Garcia Leal nascido em 1790; Januário Garcia Leal Sobrinho, nascido em 1792; João Pedro Garcia Leal, nascido após 1792, (*este, tudo indica, que seria o avô*

de Jacinta Garcia, protagonista da obra *Inocência de Visconde de Taunay*). Mais adiante comentaremos com mais propriedade a respeito.

Os irmãos José, Joaquim, Januário e João Pedro adentraram ao Estado de Mato Grosso no ano de 1828 com outras famílias e vários escravos na comitiva, atravessaram, pois o Rio Paranaíba e acamparam entre o Rio Paranaíba e o Rio Santana dando origem à vila de Santana do Paranaíba. Existiam naquele sertão somente os índios Caiapós.

Segundo Marcos Paulo de Souza Miranda em *Jurisdição dos Capitães* (2003, pg. 76). João Garcia Leal teria se desentendido com seus confrontantes de terra, a família de Francisco Silva, este, pai de sete filhos, Luis, Carlos, Antônio, Joaquim, Francisco, Paulino e Bento, que na sua mais alta possessão de cólera dera ordem a seus filhos que o tirasse a pele vivo, porém, sem nenhuma compaixão de cristãos, tocaiaram e interceptaram João Garcia e o penduraram em uma figueira⁶ tiraram-lhe a pele mesmo estando ainda vivo. Com essa tal brutalidade de assassinato, seu irmão Januário Garcia Leal e outros saíram em perseguição aos malfeitores, depois de terem procurado por justiça nas cidades mais próximas que era quase trinta léguas (180 km) de distancia de sua fazenda, que eram a do Bom Jardim e a do Rio das Mortes. Procuraram as autoridades e dando partes dos acontecimentos, nada puderam fazer, pois, acharam muito distante e dificuldades de por em ação qualquer plano.

Decidiu ali mesmo, Januário Garcia, a fazer justiça com as próprias mãos, no regresso começou sua caçada aos malfeitores, pondo assim óbito aos sete irmãos “Silva” assassinos, após abatê-los retirava dos mesmos uma orelha e dependurava em um cordão como se fosse seu troféu valioso, recebendo após o codinome de “Januário Garcia O Sete Orelhas, cumprindo assim a sua jura de vingança”.

Hoje essa fazenda tem o nome de Fazenda “Tira couro”⁷. Na praça da cidade de São Bento Abade MG existe um monumento em memória a Januário Garcia Leal, sendo ele um homem de grande valentia⁸. Gustavo Barroso⁹, iniciando um artigo publicado em agosto de 1949 na revista *O Cruzeiro* escreveu: “Januário Garcia, alcunhado o Sete Orelhas, foi um dos mais terríveis facínoras do nosso interior. Pior que Lucas da Feira, Canduru, Antônio Silvino, Lampeão et magna concomitante caterva.”

⁶ - Ver anexo 3.

⁷ - Ver anexo 4.

⁸ - Ver anexo 5.

⁹ - Escritor de O Rei da vingança. *O Cruzeiro*. 27 ago. 1949.

1.4.4.1.1 José Garcia Leal

O (capitão) José Garcia Leal Viera de Minas gerais, devido às perseguições que lá teria sofrido em razão do episódio que acontecera com seu pai João Garcia Leal e a família dos “Silva”. Segundo Estevão Mendonça *datas mato-grossenses (1919)*, afirma que em 11 de janeiro de 1836 recebe o posto de diretor da povoação de trinta fogos que se descobriu no vão do Sucuriú, Paraná e Paranaíba, região até então era ocupada pelos índios Caiapós, onde surgiu o povoado de Santana do Paranaíba, foi um homem bem sucedido, um verdadeiro patriarca de sua família, amigo de todos, conseguiu atrair para Santana do Paranaíba o comércio de todo o centro do sertão, foi casado com Ana Angélica de Freitas onde teve 13 filhos.

1.4.4.1.2 Joaquim Garcia Leal

Joaquim Garcia Leal, morador nas proximidades de Santana do Paranaíba, próximo à antiga estrada do Piquiri, era fazendeiro, tinha uma estalagem para que os viajantes pudessem fazer escala em suas viagens. Consta na obra *Santana do Paranaíba (2002)* de Hildebrando Campestrini que no dia 06 de julho de 1867 Visconde de Taunay pernitoou na casa de Joaquim Garcia Leal¹⁰, começam a aparecerem vestígios de nossa ascendência, pois, no anexo seguinte¹¹ existe uma foto de Delfina Ferreira Leal e esposo, que esta era filha de Joaquim Garcia Leal e Maria Angélica de Jesus, como costa na primeira edição de *Santana do Paranaíba (1994)* do mesmo autor.

1.4.4.1.3 João Pedro Garcia Leal

Taunay, em (Memórias 2005, p 366), relata que almoçou no dia 4 de julho de 1867 na casa de João Pedro Garcia Leal (com 74 anos de idade), irmão de José Garcia Leal. Nessa casa morava com seu avô, Jacinta Garcia Leal, que Taunay descreve assim:

O cafezinho foi servido pela neta dele, Jacinta, uma, na primeira flor dos anos, e tão formosa, tão resplandecente de beleza, que fiquei pasmado, enleado, positivamente de boca aberta. E com os olhos embelezados, segui todos os gestos daquela excepcional sertaneja. [...].

¹⁰ - Ver anexo 6.

¹¹ - Ver anexo 7.

Desde então passa a ser a protagonista de *Inocência* (1872) de Visconde de Taunay que vê certa beleza na moça: segundo seu avô, Jacinta já estava predestinada a casar-se com seu primo. Esse tipo de matrimônio era comum naquela época, isso porque era pequena a quantidade de pessoas de igual classe e para não dispersar os bens que as pessoas possuíam, eram realizados os casamentos por conveniência.

1.4.4.1.2.1 Delfina Ferreira Leal

Delfina Ferreira Leal era casada com Francisco Lucindo da Silva, tiveram quatro filhos como: Antônia, Francisca, Francisco Lucindo Leal¹² e Antônio Ferreira Leal. Podemos verificar que Francisco Lucindo Leal herdou de seu pai o nome de família “Lucindo” e Antônio Ferreira Leal herdou de sua mãe o nome de família “Ferreira”.

1.4.4.1.2.2 Francisco Lucindo Leal

Francisco Lucindo Leal, nasceu em 1907 na cidade de Paranaíba M T, onde morou com sua família até o falecimento em 1977, era casado com Sebastiana Florinda de Cássia, tiveram nove filhos: Maria Cássia Leal, Jose Francisco Leal¹³, Joaquim Francisco Leal, Ana Francisca Leal, Laura Leal Mundim, Sebastião Francisco Leal, Bento Francisco Leal, Acemí Francisca da Silva e Milton Francisco Leal. Toda essa geração dos “Garcia Leal” permaneceu nessa região de Paranaíba desde a chegada dos primeiros habitantes vindo de Minas Gerais até meados dos anos 70 do século XX, colaborando assim na construção daquela cidade. Porém com a falta de perspectiva de vida começou a se dispersar novamente em busca de melhoria de vida em outras áreas.

1.4.4.1.2.3 José Francisco Leal

José Francisco Leal nasceu em 1936, na cidade de Paranaíba M T, onde morou até meados dos anos 80 do século passado mudando com sua família para Pontes e Lacerda M T, onde vivem até nos dias de hoje, é casado com sua prima Ana Florinda Leal filha de Antônio Ferreira Leal e Laudelina Florinda de Souza, tiveram cinco filhos:

¹² - Ver anexo 8 (Delfina Ferreira Leal, era mãe de Francisco Lucindo Leal e de Antônio Ferreira Leal).

¹³ - Ver anexo 9.

Arlene Garcia Leal de Oliveira, Walcir Garcia Leal, Waldir Garcia Leal, Waldeir Garcia Leal e Arliete Garcia Leal Macedo.

Considerações finais

Depois de ter feito um capítulo de análise da obra *Inocência* de Visconde de Taunay, embora sabendo que se trata de uma obra de ficção, e um capítulo sobre a genealogia da Família “Garcia Leal”, baseado nas obras de *Jurisdição dos Capitães*, (2003) de Marcos Paulo de Souza Miranda e, *Santana do Paranaíba* (1994, 2002) de Hildebrando Campestrini, podemos verificar que a personagem Inocência, que serviu de inspiração para o autor, fazia parte dessa importante família que imperou no sul do Mato Grosso.

Tentando explicar melhor, foi possível elencar várias evidências na grande maioria dos depoimentos. A síntese feita no segundo capítulo remete a fatos verídicos encontrados na análise da obra de *Inocência* principalmente do primeiro capítulo como: a localidade do cenário onde foi desenvolvida todo enredo (Santana do Paranaíba) e a maioria das personagens da obra que são: *Tico*, *Inocência*, *Leal*, *Coelho*, *Garcia*, foram inspirados nos habitantes próximos a Santana do Paranaíba; a figura de *Cirino* por sua vez, o autor tirou de um curandeiro que estava de passagem pela região; o personagem *Pereira*, Taunay espelhou em um habitante de Minas Gerais; *Manecão Meyer* e *Maria Conga*, foram criados pelo autor para compor à sua obra; os personagens que têm relação com a genealogia apresentada no segundo capítulo são: *Inocência* (Jacinta), *Garcia* (João Pedro Garcia Leal), *Leal* (Joaquim Garcia Leal).

BIBLIOGRAFIA

BARROSO, Gustavo. O Rei da Vingança. O Cruzeiro, 1949.

BENJAMIN, Abdala Junior. Movimentos e Estilos Literários. São Paulo: Scipione, 1994.

BENJAMIN, Walter. Portos Flutuantes transcrição Ibero Afro. São Paulo: Ática, 2004.

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 41. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAMPESTRINI, Hildebrando. Santana do Paranaíba. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1. ed. Campo Grande: Gibim 1994.

_____. Santana do Paranaíba. Editora Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 3. ed. Campo Grande, 2002.

CANDIDO, Antônio. A Personagem do Romance in A Personagem da Ficção. São Paulo, 1995.

COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil, 4. ed. São Paulo: Global, 1997.

Dicionário Globo. Português Espanhol – Espanhol Português, 5. ed. São Paulo: Globo, 1998.

GARCIA, Denise Cássia. Os Garcia Frades. Belo Horizonte, 1990.

GOETHE. Os Sofrimentos do Jovem Werther. São Paulo: Martin Claret, 2002.

GUIMARÃES, Jose. Os Garcia. Revista Genealógica Latina. São Paulo: Ouro Fino, 1065.

JUNIOR, Benjamin Abdala. Movimentos e Estilos Literários. São Paulo: Scipione, 1995.

MEDEIROS, Sergio. Memórias. 5. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. Jurisdição dos Capitães. A história de Januário Garcia Leal, o Sete Orelhas, e seu bando, 1. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2003.

Novo Dicionário Aurélio. Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SCHÜLER, Donaldo. Teoria do Romance. 1. ed. São Paulo: Ática, 2000.

SHAKESPEARE, William. Rei Lear. São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. Romeu e Julieta, São Paulo: Martin Claret, 2002.

STEIN, Ingrid. Figuras Femininas em Machado de Assis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

TAUNAY, Visconde de. Inocência. 27. ed. São Paulo: Ática, 2001.

VERÍSSIMO, José. História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Aplicada, 1998.

ANEXOS

São Bento do Abade

CEP: DDD: 035

- Principal
- Classificados
- Geografia
- Empresas
- Mapa
- Meteorologia
- Calendário
- Admini
- Outras

ande produtor de café, batata-inglesa e leite que comercializa fora do município, produz mbém morangos, hortaliças, cana-de-açúcar, milho, frutas, arroz e feijão. A indústria é a de icínios, e o comércio está voltado para o varejo. **Afastada 2 Krn da cidade-sede, a Figueira do Tira Couro é ponto de atração turística. Ela foi o pelourinho para o martírio de João Garcia, que ali sofreu monstruoso despelamento, vítima de desentendimentos entre as famílias Antônio Garcia Duarte e Francisco da Silva.** O meiro habitante do lugar foi o padre José Bento Ferreira de Toledo, que ali se fixou para requizar os índios, tendo construído uma capela em meados do sec. XVIII e, em 1752, talado a sede da fazenda São Bento do Campo Belo. Em 1794, após o falecimento do padre, noel Franscisco Ferreira constrói a primeira casa e logo o povoado se desenvolve, sendo vado a distrito em 1938, com a denominação de São Bento. Em 1962, emancipa-se, com o me de São Bento Abade, devido à devoção que o fundador, dedicava ao eremita São Bento. município é repleto de belezas naturais, sendo a mais conhecida atração turística a **Figueira Tira Couro, tida como pelourinho do martírio de João Garcia, vítima de spelamento, sofrido devido a desentendimentos com famílias importantes do lugar.** nte: Secretaria da Cultura em 01/10/1999

DENOMINAÇÕES ANTERIORES: SAO BENTO DO CAMPO BELO;
EREMITA; SAO BENTO;



Opine



Recomende para um amigo

BússolaNet@2007

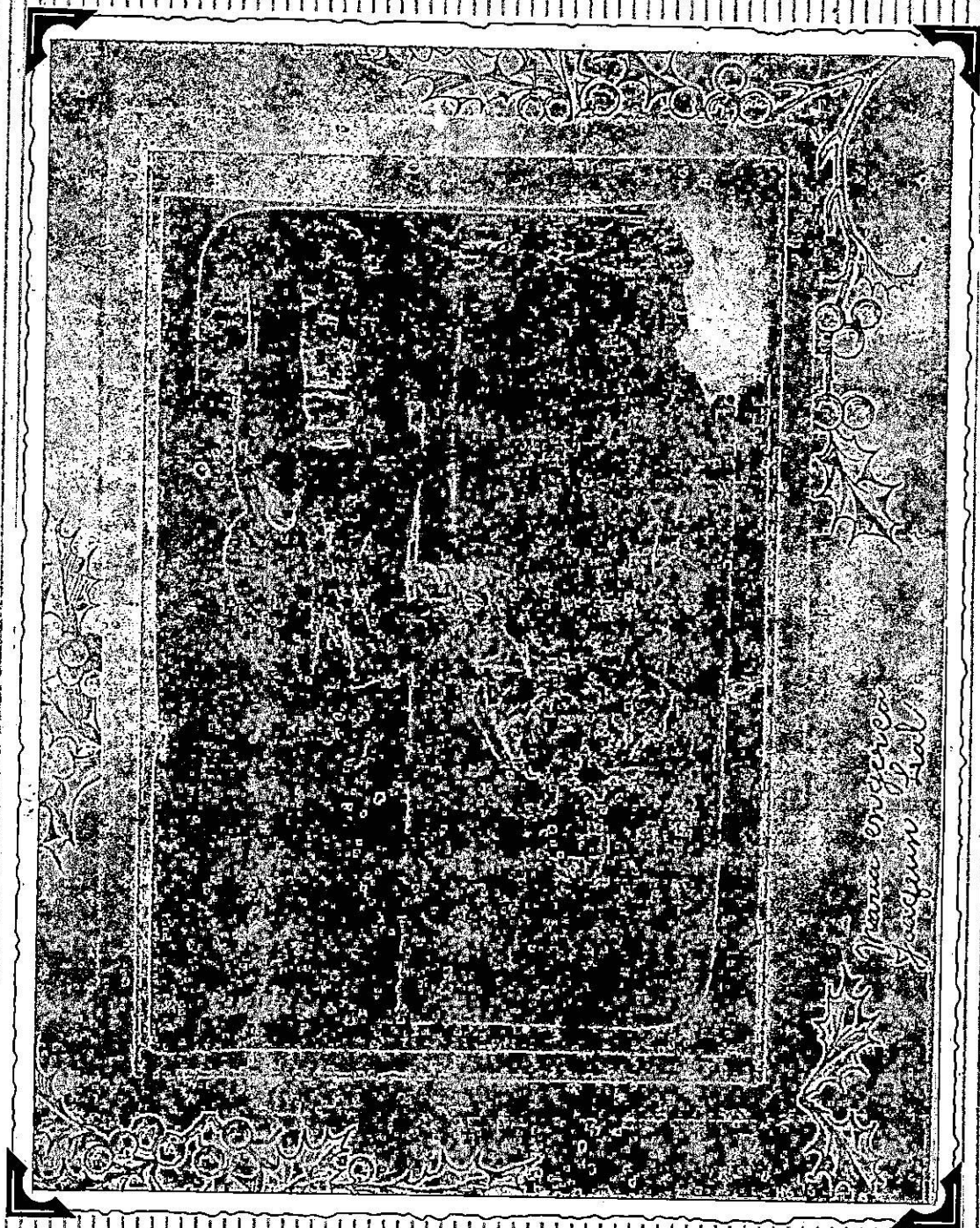
GARCIA

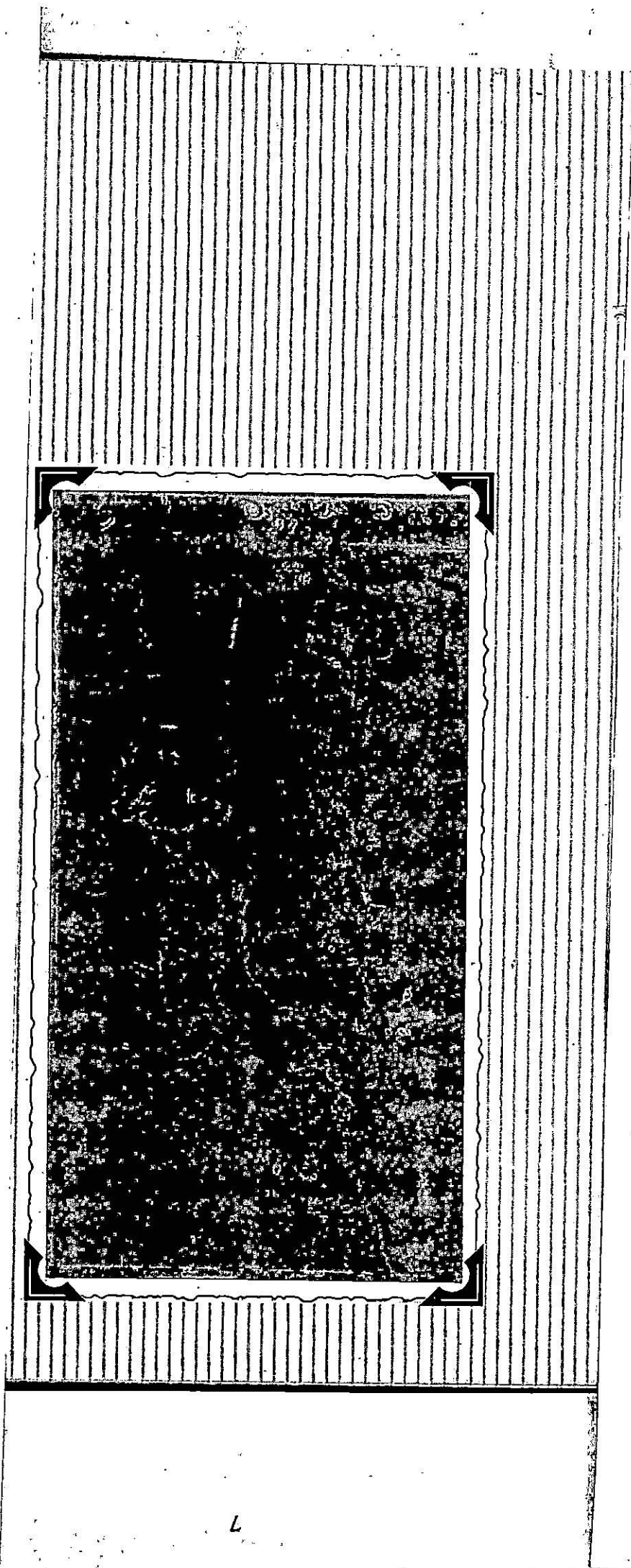












REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



AUTOGAMIS RODRIGUES DA SILVA
T. B. do, Escrivão e Oficial do Registro Civil
Marlúcia L. S. Marques
Substituta
CARTÓRIO DO 2.º OFÍCIO
PARANAÍBA — MS.

REGISTRO CIVIL

ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

COMARCA DE PARANAÍBA

MUNICÍPIO DE

DISTRITO DE

"MARLÚCIA LOPES DA SILVA MARQUES"

Oficial SUBSTITUTA do Registro Civil

CERTIDÃO DE CASAMENTO

CERTIFICO que, sob o n.º 54 4109, à fls. 56, do livro n.º 14
do Registro do Casamentos, verifiquei constar que no dia 20 de dezembro
do 1.963, foi feito o casamento de ANTONIO FERREIRA LEAL & ANA MARIA NO-
GUEIRA = = = = =

contraído perante o Juiz Alcino Queiroz - - - - -
e as testemunhas constantes do termo - - - - -

Elo, nascido em MUN/ PARANAÍBA = MATO GROSSO = = = = =
aos 06 de fevereiro do 1.910
profissão lavrador, domiciliado
e residente neste município, filho de
FRANCISCO LUCINDO DA SILVA E DELFINA FERREIRA LEAL = = = = =

Ela, nascida em MUN/ DE PARANAÍBA = MATO GROSSO = = = = =
aos 12 de março do 1.924
profissão do lar, domiciliada
E RESIDENTE NESTE MUNICÍPIO, filha de
MANOEL ROBERTO NOGUEIRA E D.ª MARIA FRANCISCA DA PAIXÃO = = = = =

a qual passou assinar-se ANA MARIA NOGUEIRA LEAL = = = = =
Foram apresentados os documentos a que se refere o art. 180 N.ºs 1, 2, 3 e 4
do Código Civil Brasileiro - Observações: comunhão universal de bens

O referido é verdade e dou fé.

PARANAÍBA

25 de junho

de 19 61

AUTOGAMIS RODRIGUES DA SILVA
T. B. do, Escrivão e Oficial do Registro Civil
Marlúcia L. S. Marques
Substituta
CARTÓRIO DO 2.º OFÍCIO
PARANAÍBA — MS.

Marlúcia L. S. Marques
OFICIAL

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL



Município e Comarca de Paranaíba - Mt.

— DISTRITO DA SEDE —

ESTADO DE MATO GROSSO

José Oriente de Souza

OFICIAL DO REGISTRO CIVIL

Certifica que sob Nº 3.410, folhas 151 de 111 de registros de casamento foi feito o assento do matrimônio de **JOSE FRANCISCO LEAL** e **ANA FLORINDA LEAL**

que passou a assinar (o mesmo nome) contraído perante o M. M. Juiz de Paz **Guilherme Queiroz Figueira**, 2º suplente em exercício - * - * - * - * e as testemunhas **Geraldo Rodrigues Lopes**, **Cristovam Pereira dos Santos** e **Nair Garcia dos Santos** - * - * - * - *

ELE, natural deste Estado, nascido na faz. Barreiro de Cima, neste Município aos 13 dias de Março de 1.936, profissão lavrador, residente e domiciliado neste Município - * - * - * - * filho legítimo de **Francisco Lucindo Leal** residente e domiciliado neste Município, e de **Dª Sebastiana Florinda de Cassia** residente e domiciliada neste Município - * - * - * - *

ELA, natural deste Estado, nascida na faz. Barreiro de Cima, neste Município aos 26 dias de Dezembro de 1.939, profissão doméstica, residente e domiciliado neste Município - * - * - * - * filha legítima de **Antonio Ferreira Leal** residente e domiciliado neste Município, e de **Dª Laudelina Florinda de Souza** residente e domiciliada - falecida -

Foram apresentados os documentos exigidos pelo Artigo 180 do Código Civil Brasileiro, em seus itens I a IV.

Observações : Casamento realizado sob o regime de comunhão universal de bens.

TABELIONATO ORIENTE
JOSÉ ORIENTE DE SOUZA
Oficial do Registro Civil
Escritório e Tabelionato do 2º Ofício
Pedro Fabres de Queiróz
Substituto
PARANAÍBA - MATO GROSSO

1ª VIA
ASENTA DE SELO

O referido é verdade e dou fé.
PARANAÍBA, 15 de **Fevereiro** de 1.958.

Pedro Fabres de Queiróz
OFICIAL DO REGISTRO CIVIL